

# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Lafayette, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno . . . . .	Fr.	14
	Semestre . . . . .	—	7.50
	Mesuro avulso . . . . .	—	0.30

## SUMMARY :

*Onde se acóde á chamada das gazetas jacobinas. Os "chocolateiros", o governo provisorio e o profundo "diplomata" Vasconcellos. O "grande problema da actualidade", ou Uma excursão pelo Diário de Noticias.*

**D**ESDE a noticia auspiciosissima do proximo enlace régio — com a bandeira azul e branca fluctuando em Sigmaringen e tudo, como ruminará de tromba cahida o immenso « diplomata » Vasconcellos — até á campanha humanitária levantada em Inglaterra a favor dos presos politicos e ao adensamento incessante e vertiginoso das difficuldades internas, nada ha que não ajude a lançar os nossos excellentes republicanos n'aquelles transportes de raiva espumejante, de que todas as informações nol-os descrevem como possuidos. De resto, esse estado paroxistico, que se revela por muitos outros signaes, manifesta-se mais divertidamente nas cabriolas epilepticas do sur. Affonso Costa ante os seus pares da « representação nacional » e no frenesi das folhas jacobinas, cujas ultimas invenções constituem tão evidentemente o producto febril d'uma allucinação mental, que não ha já sequer maneira de as considerar como calumniosas.

Emfim, o menos que póde constatar-se é — como se dizia antigamente nos romances a respeito d'outros seres da creação — que os nossos furiosos republicanos escarvam no chão com impaciencia. Bom symptoma...

Um dos mais desvairados e estapafúrdios disparates com que o gazetecismo alfaceira tem ultimamente abusado da longanimidade proverbial e infinita do papel em que se imprime, é o de que a benemerita cruzada promovida pela Senhora Duqueza de Bedford contra as atrocidades de que são victimas os prisioneiros politicos da Republica é no fundo... animada pelos chocolateiros inglezes, para serviço da sua propaganda... contra os pretendidos factos d'escravatura na nossa Africa Occidental!

O leitor percebe isto? Nós tambem não — nem elles. E por muito que as gazetas jacobinas confiem — e muito justificadamente — na ignorancia e na boçalidade do publico especial a que se destinam, estamos em crêr que d'esta vez nem os bronzeos *Themotios* nem os cidadãos consciences dos regabofes civicos da demagogia arranjarão maneira de deixar de murmurar com os seus botões, coçando a orelha interdietos: « *Afinal de contas parece-me que o cidadão Estevão, (ou o cidadão Borges, conformé os casos) ainda me sae mais bruto do que eu!* »

Que é que poderiam ter com a campanha dos chocolateiros a Senhora Duqueza de Bedford, ou as pessoas de todas as classes e de todos os partidos — desde os conservadores aos socialistas, desde os catholicos militantes aos livres-pensadores, desde o Par d'Inglaterra ao modesto operario — que immediata e calorosamente se associaram á magnanima iniciativa d'aquella nobilissima titular?

Qual d'essas pessoas é que, nos discursos proferidos, ou nas brochuras e artigos publicados, alludiu já, sequer, á questão da escravatura na Africa Portugueza? Que tem a questão dos presos politicos com o regimen de trabalho dos indigenas em Angola ou em S. Thomé?

Ainda se o sr. João Chagas ou o sr. Henrique de Vasconcellos, por exemplo, pudessem ter a honra de achar-se entre os prisioneiros monarchicos, vá que se quizesse encontrar uma certa analogia entre as duas campanhas, apesar de que o primeiro, como

se sabe, não é um aborigene portuguez, e o segundo, se é escravo, o é espontaneamente, por aquella natural tendencia dos seres de raça inferior para procurarem dono e preferirem ser alimentados pela mesma mão que os zurze.

Decerto, a propaganda que se está effectuando contra o tratamento infligido em Portugal aos prisioneiros politicos reverte indirectamente contra a Republica, cobrindo-a d'opprobrio e d'ignominia aos olhos do mundo civilizado, por menos que taes sejam as intenções de quem n'aquella meritoria tarefa se empenha; mas que prende isto com os chocolateiros?...

Pretende-se acaso fazer crer que estes tenham da Republica algum motivo de queixa?

Não, não teem. E não teem, por uma razão convincentissima: é que foi preciso que se fizesse a Republica em Portugal para que o gabinete de Lisboa dêsse finalmente á campanha dos chocolateiros o argumento unico, o argumento official e irrefutavel, contra o qual nada valem agora os protestos da imprensa — a *confissão ministerial de que em Angola e em S. Thomé se pratica effectivamente a escravatura* (!) o que lóra sempre *terminantemente negado* pelos governos da Monarchia.

Pois então? Quem quer ministros imbecis paga-os, e paga-os pelo preço dos mais graves damnos e dos vexames maximos, para que os *cidadãos consciences* de todas as viellas alfacinhas possam rebentar os bofes a uivar vivas á Republica redemptora, e morras á ominosa reacção, thalassica e jesuitica!...

A este proposito tem-se barafustado muito em S. Bento e nos jornaes contra um « traidor » qualquer, que não sei quem é, e que escreveu, parece, um folheto anti-patriotico, opinando que se faz trafico d'escravos na nossa Africa Occidental.

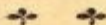
Mas então porque não pedem contas aos ministros do governo provisorio, primeiro, e depois ao snr. Augusto de Vasconcellos, que além de ter declarado a mesma coisa, não n'um folheto mas *officialmente ao ministro*

inglez, levou a sua boçal inconsciencia até o extremo inacreditavel de confessar ao mesmo diplomata, em nome do governo de que fazia parte, a impotencia das auctoridades da Republica para reprimir essa admittida escravatura?

O facto não constitue segredo : os documentos respectivos figuram por extenso no LIVRO BRANCO do anno passado, publicado pelo governo inglez. Toda a gente os póde ler.

A este LIVRO BRANCO vi em tempos varias alluções na imprensa portugueza, e d'elle se fizeram ali, provavelmente extrahidas dos jornaes londrinos, algumas transcripções muito elucidativas da maneira como os governos republicanos tem entendido defender a dignidade do paiz, nas suas relações com a chancellaria britannica acérea d'esta interminavel questão da escravatura.

Mas o melhor não dei conta de que fôsse trasladado então pela imprensa portugueza ; e visto que ao republicanismo nacional lhe apraz, em meio dos seus vituperios contra os monarchicos, lembrar o assumpto, não ha razão para que não se lhe faça a vontade.



Os jornaes e revistas londrinas que mais se tem salientado em phantasias absurdas acérea do pretendido trafico d'escravos na nossa Africa Occidental, publicavam entusiastica e triumphantemente em agosto do anno passado, o seguinte trecho d'um officio dirigido em 19 de março por sir Arthur Hardinge, ministro inglez em Lisboa, ao seu ministro dos Estrangeiros sir Edward Grey, e exarado no referido LIVRO BRANCO, que acabava então de vir a lume :

« Falei ao snr. Vasconcellos em 16 do corrente, como me era recommendado no seu telegramma de 7, a proposito da duração dos contractos feitos com *serviçes* para S. Thomé, da questão do *Malange*, a respeito da qual estou redigindo a seu pedido um *memorandum* para lhe entregar, e sobre a necessidade

de fiscalisar cuidadosamente os possíveis abusos da auctoridade acêrea do trabalho obrigatorio ; de tudo o que, S. Exc. tomou nota.

« Garantiu-me, e creio que com inteira sinceridade, que o seu governo alimenta o desejo de acabar com todos esses abusos e de justificar, da parte da Republica Portugueza, a pretensão de se tornar uma força humanitaria e progressiva na civilisação d' Africa, mas disse-me... »

Ora o que pôde ter dito mais um tão sublimado patarata? Isto :

*« ... que os governadores que tem mandado para darem cumprimento ás suas instrucções se tem visto inhibidos em grande parte pela força dos interesses creados, tanto europeus como nativos, os quaes, ao effectuarem as necessarias reformas, elles encontram leantados contra si. » (!)*

Reproduzindo este extraordinario documento, onde se consigna, da parte do ministro portuguez, a criminosa confissão das accusações d' esclavagismo formuladas pelo diplomata britannico e aggravada ainda com a declaração inaudita de que as auctoridades portuguezas não tinham força para reprimir taes abusos — a revista THE SPECTATOR escrevia o seguinte no seu numero de 17 d' agosto do anno passado — e não se pôde negar que o escrevia com sufficiente apparencia de razão :

« Inserimos n' outro lugar uma carta do ministro portuguez em Londres declarando que as affirmações de Sociedade Anti-Esclavagista e de Protecção aos Indigenas ácerca da escravatura nas colonias portuguezas da Africa Occidental fóram victoriosa e absolutamente refutadas.

« Se o ministro portuguez em Londres não contesta a autenticidade do officio de sir Arthur Hardinge

*contendo a confissão do governo portuguez, não pôde continuar a pedir-nos que reconheçamos terem sido as nossas accusações victoriosa e absolutamente refutadas.* »

Mas ha mais : já n'um officio anterior, de 29 d'outubro de 1911, sir Hardinge communicava para Londres que « tendo instado com o sr. Vasconcellos sobre a extema importancia de pôr termo aos escandalos d'Angola, que provocam ha muito tempo os publicos protestos dos philantropos atravez do mundo civilisado E QUE OS PROPRIOS MINISTROS DO GOVERNO PROVISORIO DENUNCIARAM TÃO GENEROSAMENTE POU- CO DEPOIS DA REVOLUÇÃO DO ANNO PASSADO », o ministro dos Estrangeiros lhe confirmou muita calorosamente « a resolução em que se encontra o ACTUAL governo portuguez de acabar de maneira definitiva com estes males. »

Sempre os governos da Monarchia tinham opposto, ás objurgatorias dos philantropos e ao tendencioso alarido dos chocolateiros inglezes, a affirmação energica e peremptoria de que nas nossas possessões d'África não se exercia a escravatura, e de que o trabalho indigena era executado ali n'um regimen de relativa commodidade, capaz de desafiar o confronto com o de qualquer outra colonia europeia, sem exclusão das britannicas.

Foi mesmo facultada a alguns subditos britannicos, dos que mais se distinguiram n'essa campanha, sincera ou pretensamente humanitaria, uma demorada visita ás plantações de S. Thomé ; e toda a gente se recorda de que as impressões trazidas immediatamente a publico pelos visitantes eram de molde a modificar consideravelmente a deploravel opinião estabelecida a tal respeito por aquella falsa propaganda.

Mas chega ao poder a Republica e o seu primeiro cuidado (esta velhacaria, pelo que tem d'estulta, é photographicamente bernardinesca) o seu primeiro

cuidado é dirigir-se ao governo inglez a *denunciar generosamente os escandalos d'Angola, que prococam de ha muito os protestos dos philantropos atravez do mundo civilisado*. E anno e meio depois de denunciados pelo governo portuguez os *escandalos d'Angola*, o ministro dos Estrangeiros declara compungido ao diplomata inglez que não pôde pôr-lhes termo, porque as auctoridades da Republica *encontram erguidos contra ella os interesses creados* (o leitor comprehende : os interesses ominosos e thalassicos) *tanto europeus como nativos* !...

Por isso THE SPECTATOR, o mais importante lidador da campanha anti-esclavagista, ou chocolateira, como queiram dizer, escrevia jubiloso n'aquelle seu já citado numero :

« Este LIVRO é a *primeira confirmação official* das allegações relativas ao commercio d'escravos em Angola e á escravatura nas ilhas. O LIVRO BRANCO destróe d'uma vez para sempre a flegão de que o contracto de trabalho nas colonias portuguezas da Africa Occidental não é escravatura...

« A publicação d'este LIVRO BRANCO *abre uma era nova*. Os inglezes conscientes da tradição que herdaram de abominar a escravatura não podem mais conciliar a sua inacção com respeito de si mesmos. »



A intenção d'esta infamia, tão criminosa como estúpida, commettida pelos governantes republicanos, é demasiado evidente para que valha a pena de pôl-a em relevo.

Absolutamente falha do mais rudimentar sentimento patriótico, nunca esta cambada jacobina hesitou em sacrificar aos seus interesses o bom-nome e a dignidade do paiz. E estamos d'aquí a vêr o sorriso victorioso com que o sr. conselheiro Bernardino terá conseguido arrancar da sua cabecinha de diplomata de pechisbeque a infecta idiotice de ... comprar

para a Republica a benevolencia da Inglaterra, promettendo-lhe acabar com a escravatura *praticada pela ominosa reacção*, e o contentamento do pateta, seu discipulo amado e espirital continuador, que dois annos e meio depois se lamentava a um diplomata estrangeiro de não poder pôr termo á escravatura... porque se lhe oppunham os interesses creados pela Monarchia!

Nunca é bom ter velhacos no governo ; mas quando esses velhacos, além de o serem, são tolos, não ha maneira de prevêr até que perigos a sua mal-intencionada inepeia pôde arrastar um paiz.

No momento em que os escribas do regimen julgam opportunas as mais vis insinuações sobre o *monarchismo* dos chocolateiros, á mistura com as historias costumadas do *descredito no estrangeiro*, da *traição á Patria* e outras parlapatices, não nos parece fóra de proposito limpar a este guardanapo as sujissimas ventas da Republica.



**Grande problema da actualidade.** Abro, como de costume cheio de anciedade, o meu indispensavel DIARIO DE NOTICIAS, que (é elle mesmo quem m'o diz no seu bem elaborado editorial de hoje) « sempre alheio ás pugnas facciosas e partidarias, só aspira a contribuir com a analyse serena e attenta das questões d'interesse popular e geral para a elucidação dos grandes problemas de actualidade. »

Como eu sinto exactamente uma grande quêda para o estudo dos grandes problemas da actualidade, engolfo-me sem mais detença na leitura das elucidações que a analyse serena e attenta do inestimavel periodico se compraz em fornecer n'este numero a um publico sequioso do Saber.

E começo por aprender isto :

« Quando uma pessoa tem que temer algum ataque,



o que a mais elementar prudencia aconselha é organizar a defesa, prevenindo-se com uma arma que a habilite a repellir esse ataque no momento em que se dê. »

Devo confessar que a propria transcendentalidade d'estas verdades sublimes produziu a principio no meu espirito alguma confusão. Para que será que uma pessoa, quando tem que temer algum ataque, deve prevenir-se com uma arma que a habilite a repellir esse ataque no momento em que se dê? Para quê, santo Deus?!

Esta interrogação atroz ainda agora, por certo, me estaria parafuzando na mente, se o proprio NOTICIAS, como que prevendo perspicaz a grave duvida, não se apressasse a esclarecer logo, e da maneira mais peremptoria, um tão ingente problema da actualidade :

« Observa-se (*elucida*) que na grande maioria dos casos esta simples precaução (*a arma*) é bastante para afastar todo o perigo, e por isso se diz que *um homem prevenido vale por dois*. Com effeito, é muito difficil que alguém se atreva com aquelle que está armado e que sabe fazer uso da sua arma com serenidade e energia... »

— Mas isso quando? — interromperá o leitor. E o NOTICIAS explica-lhe solícito :

« ...sempre que se offerece a occasião ! »

Como muito bem se comprehende, logo que um individuo dotado de verdadeiro gosto pela Philosphia começa a entrar na floresta emmaranhada d'estas magnificas especulações intellectuaes, a sua vontade é avançar sempre e sempre, a vêr até que macisso frondoso de verdades invioladas e d'empolgantes paradoxos consegue attrahil-o o escriptor com o seu canto de sereia. Por isso en ia proseguir,

e já estava meio-enleado nas ramagens de novo periodo : « D'este raciocinio, em que ha uma logica elementar e incontrovertivel... » — quando subito, ao ageitar o jornal, avisto no alto d'uma columna um grande, grande titulo...

Mas quê ? Ainda ess'outro grande problema de actualidade continúa preocupando e agitando a opinião do meu paiz?...

Vejamos. Sahi de Portugal ha quasi dois annos e meio, e pretendem certos jornaes que alguns « grandes problemas de actualidade » e algumas « questões d'interesse popular e geral » teem entretanto surgido no tablado da vida portugueza. — Mentira! digo eu, enfrornado na coisa publica pela leitura quotidiana do meu inseparavel DIARIO DE NOTICIAS. — Mentira e boato tendencioso !

A que podem querer referir-se os alviçareiros de semelhantes atoardas? Ao facto de terem sido atacadas e destruidas algumas officinas de jornaes, exilados alguns jornalistas, aggredidos outros, outros presos, outros exonerados de cargos publicos que haviam alcançado em concurso, e finalmente abolida a liberdade de imprensa, attribuindo-se ao mais toseco cabo de policia citadino ou sertanejo a faculdade de apprehender, suspender e supprimir jornaes? E' só isso?...

*Pff!* — faço eu, escudado na auctoridade moral e professional da minha gazeta preferida!... *Pugnas facciosas e partidarias! Simples ideias preconcebidas, que não cabem nas columnas do DIARIO DE NOTICIAS!*...

A resolução escandalosa da falada *questão Hinton?* O negocio d'Ambaca, com a sua tentativa d'extorsão de quatro mil e tantos contos ao Estado? A anarchia politica e social?

A questão da amnistia ou a do tratamento cruel dos presos politicos? O acrescimo prodigioso das despesas publicas? O augmento incomportavel da contribuição predial, acarretando a ruina da propriedade, o desespero e a miseria do contribuinte? *Pugnas facciosas e partidarias*, que lh'o affirmo eu! O DIARIO DE

NOTÍCIAS não se presta a essas mesquinhas explorações ! Que importa isso á opinião ? Que tem isso com o interesse « geral e popular »?...

A questão das eleições que a Republica ainda não fez, vivendo ha tres annos em dictadura legislativa disfarçada, e em franca dictadura administrativa ? A abolição do character vitalicio dos empregos publicos ? A postergação de todas as liberdades, o desprezo de todos os direitos?... *Ideias preconcebidas, que não cabem nas nossas columnas !...*

Isso de liberalices era bom no tempo do snr. João Franco, por exemplo, o qual se punha a fazer para semelhante imprensa leis decentes, em vez de mandar pura e simplesmente dizer aos jornalistas que calassem o bico, porque senão que lhes ia aos fagotes.



« Grande problema da actualidade, questão d'interesse popular e geral », que mereça áquelle *orgão da opinião* columnas e columnas em dias successivos, tem havido uma, é verdade, desde que se proclamou a Republica até agora. Esse vasto e ingente problema nacional enuncia-se assim : « *VERSOS — Eudeixas, Madrigaes, Rimas Varias, Magdalena de Vilhena, Quem canta...* — por Alfredo da Cunha. »

Isso sim. *That is the question !...*

Despovoam-se os campos, perde-se o paiz, atulham-se as cadeias, torturam-se prisioneiros, amordaça-se a imprensa, denega-se a justiça, assassina-se em plena rua suppostos conspiradores absolvidos pelos tribunaes — tudo isso não merece áquelle mentor das turbas, quando merece, senão uma referencia passageira e enjoada. *Ideias preconcebidas... Pugnas fucciosas e partidarias...*

Mas escogita o snr. Alfredo da Cunha nos carrapitos do Parnaso que

Como duas vogaes se fundem n'um ditongo  
Fundem-se o goso e a dôr de modo semelhante

ou então que

Ai! não ha mal que não venha  
A quem não saiba ou não veja  
Que sempre mais se desdenha  
De quanto mais se deseja...

— e logo o NOTICIAS enche com estas caganifancias uma columna da primeira pagina, e as suas machinas rotativas imprimem para milhares de leitores, vivendo um dos periodos mais graves, mais criticos, mais incertos e mais angustiosos da historia portugueza... a elucidação d'aquelles « grandes problemas da actualidade... »

E' um criterio.

Deus me livre d'appetecer que aquelles que, como por exemplo os presos politicos, teem visto tratada por vezes com tão bom humor no DIARIO DE NOTICIAS a sua terrivel e negra odysseia, venham um dia a lembrar-se de tratá-lo, por seu turno, com a mesma brutal sem-ceremonia que ao NOTICIAS pareceu naturalissima, quando usada contra os jornaes monarchicos pelas multidões republicanas.

Deus me livre.

Mas se absolutamente fôr inevitavel (e não falta quem o entenda assim) que ao menos não se escutem n'essa barafunda gritos de vingança nem exclamações de cólera. Que tudo se faça entre côros lyricos.

O bom e doce La Fontaine está naturalmente indicado :

Cantáste ? Pois dansa agora...

ANNIBAL SOARES.

---

A CHRONICA vende-se em Paris no kiosque junto ao GRAND CAFÉ (Boulevard des Capucines).